

## Conversações do VIII ENAPOL

### ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

#### 10. Maus garotos, crianças sozinhas

**Responsável EBP:** Cristina Drummond

**Participantes:** Angela Batista, Cristiana Pittella, Cristiane Barreto, Cristina Vidigal, Lucia Mello, Maria Rita Guimarães Sandra Espinha e Suzana Barroso

a criança não desejada pode sentir uma vocação para o desaparecimento.<sup>1</sup>

O título dessa conversação nos coloca duas qualificações que tivemos que pensar em como articular. De um lado, “maus garotos” e de outro, “crianças sozinhas”.

Na história da filosofia, encontramos um outro par de significantes, aquele do mal e do bem, tomado ao longo de sua tradição, de distintas maneiras. Essa oposição nos interessa no sentido em que ela é retomada quando qualificamos garotos de maus e quando nos encontramos em tempos de confusão moral e intelectual que nos deixam, por exemplo, sem recurso diante de jovens jiradistas que se mostram prontos para matar inocentes. Aqui não há lugar para a discussão sobre o respeito à vida ou ainda sobre a liberdade do outro.

O terrorismo, com sua tão grande violência, nos faz deparar com a ideia de que o respeito pelo homem não é um valor universal e que há distintas concepções do bem e do mal. Quando Platão pensa que o Bem é o Um, Aristóteles relativiza e Montaigne se separa disso. Quando uns viam o Bem em Deus, Rousseau o via na Natureza e outros autores, mais pragmáticos, o viam na lei. Portanto, ao longo da história do pensamento, o bem nunca foi o mesmo para todos e o mal é um campo tão vasto que pode ser inclusive banalizado, não ter motivo, segundo Hanna Arendt. De qualquer maneira, as religiões fazem ressurgir essa discussão. Nós, orientados pela psicanálise e pela noção lacaniana de gozo, sabemos que o que está na base do programa de vida de um falasser não é um “programa de felicidade”, expressão que Freud usou em seu *Mal estar na civilização*,

---

<sup>1</sup> Miller, J.-A., Jacques Lacan: observações sobre seu conceito de passagem ao ato. *Opção Lacaniana Online nova série*. Ano 5. Número 13. Março 2014.

muito menos o Bem, tal como Lacan insistiu em nos fazer pensar em seu seminário sobre a *Ética da psicanálise*.

Numa entrevista publicada na revista *Mental*,<sup>2</sup> Clotilde Leguil promove um debate com Serge Herfez – que tem um serviço de consultas no hospital Salpêtrière onde ele acolhe famílias de jovens radicalizados assim como os próprios jovens – em torno dos fenômenos de radicalização nos adolescentes de hoje. Jovens muito radicais, correndo perigo ou muito perigosos. Esses sintomas atuais, frequentemente muito graves, apresentam signos discretos que podemos ler como índices de uma precariedade da relação com o simbólico e nos fazem pensar que eles correspondem a uma nova clínica que não está diretamente ligada à estrutura. Uma clínica que demonstra que a interdição paterna deu lugar à permissividade, que a renúncia e o sacrifício não são mais ideais que fundamentam a sublimação e o que surge em primeiro plano é o supereu como empuxo ao gozo. Herfez diz que encontrou nesses jovens uma semelhança com os adolescentes anoréxicos, toxicômanos, aqueles que faziam tentativas de suicídio ou passagens ao ato diversas, escarificações, ataques ao corpo ou ainda violência com os outros. Ele sustenta que a tentativa desses jovens de enfrentar a crise da adolescência se submetendo a uma influência de tipo sectário, é um esforço de resolução de seus sintomas.

A situação desses jovens é variada: alguns são convertidos, outros vêm de famílias muçulmanas, alguns vêm de meios extremamente desfavorecidos, outros de meios comuns, alguns têm famílias desestruturadas, outros, famílias comuns. Em geral, são as famílias que buscam a consulta para o jovem. Apesar de se assemelhar à clínica da adolescência, a radicalização é uma oferta atual aos adolescentes que estão em ruptura com suas famílias. Poderíamos também pensar, de acordo com a sociologia, que a desocupação e a pobreza poderiam nos fazer compreender a radicalização islamita. E se esse sintoma de radicalização poderia parecer masculino, testemunhando uma aliança entre virilidade e pulsão de morte, um espírito combativo, há casos onde sujeitos femininos são tomados por essa via, sendo muitas vezes recrutados por internet. Estão nas demandas desses adolescentes pontos que os convocam a se incluírem nesses recrutamentos, questões de um ideal amoroso, apelos masoquistas e à submissão ou à vocação feminina de salvar o mundo.

---

<sup>2</sup> Le rêve d'un autre monde. Rencontre avec Serge Hefez, une interview de Clotilde Leguil. *Mental* n. 35. Janeiro de 2017, pp. 77-92.

Herfez observa que esses adolescentes vivem sob o controle, numa espécie de enclave, de uma relação materna ou de uma relação devoradora entre os pais que é totalmente fascinante para eles ou de uma história familiar traumática ou de exílio onde há uma vergonha em relação à inserção. Esses jovens, segundo ele, buscam se colar numa estrutura ainda mais radical do que aquela que encontram em suas famílias. O movimento de separação da família é muito difícil de ser concretizado. Eles são capturados pelo discurso do Mestre, recrutados pelo anseio de pertencer a uma seita virtual que compartilha um ideal. E nesse anseio, eles se distanciam de uma posição subjetiva e de sua relação com a palavra.

Eric Laurent,<sup>3</sup> percorrendo vários autores que estudam essas situações de recrutamento, indica que alguns leem aí a resposta de uma juventude marginalizada e vitimada que experimenta um sentimento de ódio e de indignidade profundamente arraigado, advindo de uma primeira identificação a partir do pior – da rejeição da parte perdida não reconhecível do gozo –, e não de uma identificação por amor a partir do pai. Esse é um ponto fundamental que Freud pode construir em sua elaboração teórica. Num primeiro tempo Freud tomou a questão do bem e do mal pelo viés da moral. A moral sexual civilizada reprimia a vida sexual dos indivíduos e Freud propôs diante disso a recusa da renúncia à satisfação sexual, renúncia bem conforme à religião. Entretanto, em seu *Mal estar na civilização*, ele nos diz que no caminho da satisfação pulsional se encontra não apenas a angústia, mas o problema do mal como pulsão de morte, que se apresenta sob a forma do ódio a si mesmo. Freud percebe que há, para o sujeito, um obstáculo fundamental em relação ao gozo sexual que ele indica em *Inibições, sintoma e angústia* como o trauma da perda. Lacan retomou essa construção de Freud para dizer que essa perda faz com que a satisfação plena não exista, que nessa busca de reencontrar o objeto, o objeto da satisfação se transforma em um objeto mal. Nessa topologia subjetiva, o gozo é um mal porque implica ao mesmo tempo o ódio ao próximo e o ódio a si mesmo.

Um dos especialistas em islã, Oliver Roy,<sup>4</sup> constata que atualmente jovens de todos os meios passam a uma forma de violência suicida e radical como ato de ruptura com a sociedade. Quer se trate de violência do tipo Columbine, de assassinatos familiares, de violência de gang sem muito motivo. Ele diz que os jovens jiradistas têm um percurso solitário e são radicalizados sozinhos, porque não querem nem a cultura de seus pais nem a

---

<sup>3</sup> Laurent, E., Das crises identitárias aos triunfos das religiões. *Curinga* n. 31. BH: O Lutador. 2016.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 88.

cultura ocidental, tornando-se símbolo do ódio de si mesmos. Eles se colocam no lugar de mestres da verdade em relação a seus pais e Oliver Roy encontra neles uma ausência de transmissão, um furo na genealogia, tal como ele relata em entrevista a Clotilde Leguil e Edwige Shaki.<sup>5</sup> Nascidos na Europa, eles são ocidentalizados até se converterem a uma facção radical, a partir de um grupo encontrado no bairro, na prisão ou em algum clube esportivo. E passam a uma forma de violência radical e suicida em ruptura com a sociedade e com sua família. Então eles dizem: “agora estou bem dentro da minha pele. Encontrei meu caminho”. Um caminho de ruptura com a família e com a cultura, de uma comunidade de iguais, de uma radicalização que não é religiosa, mas que segue um repertório religioso que estrutura sua revolta que não deixa de ser uma consequência do encontro entre a religião e a globalização.

De qualquer maneira, temos nessas manifestações uma forte presença da pulsão de morte, que podemos dizer, com Eric Laurent, que é “uma forma da pulsão de morte inteiramente nova”,<sup>6</sup> e é importante pensarmos se o que importa para esses adolescentes é um querer se destruir ou um colocar a vida em jogo. Há uma crença de se atingir um outro mundo, mas ela se dá pela passagem ao ato hetero agressiva e encontramos aqui algo do desafio adolescente, mas também algo que aponta a uma solução mais paranoica. Há uma exibição da potencia de matar e de se fascinar pela própria morte. Está aqui em jogo o pior do trauma, ponto que Lacan nomeou de kakon e que leva o sujeito, ao atacar o outro, atacar o pior que se encontra no mais íntimo dele mesmo. Podemos pensar que a presença desse ódio a si mesmo, desse “gosto suicida de uma geração”,<sup>7</sup> é algo que se apresenta de maneira desnudada nas soluções desses jovens, nos atentados suicidas, nos homens-bomba, nos massacres nas escolas, nos bombardeios suicidas de influência muçulmana e que essa regressão não pode ser explicada pela identificação ao Ideal. Há nesses atos um estranho gozo de matar o outro matando-se a si mesmo.

Eric Laurent,<sup>8</sup> em entrevista feita por Marcus André para a *Correio*, aproxima a solução dos jovens pela radicalidade daquelas dos jovens do narcotráfico, mais presente na vida de nosso país. Ali ele diz que o Estado é confrontado com contra-estados narco que religam

---

<sup>5</sup> La crise du monde musulman. Rencontre avec Oliver Roy, une interview de Clotilde Leguil et Edwige Shaki. *Mental* n. 34. Junho 2016, pp. 85-101.

<sup>6</sup> Laurent, E., Faire couple avec l’objet numérique. *Quarto* n. 109. Bruxelas. Dezembro 2014, p. 43.

<sup>7</sup> Laurent, E., La vergüenza y el ódio de sí. *Freudiana* n. 39, p. 33.

<sup>8</sup> A fala não é um semblante. Entrevista com Éric Laurent, por Marcus André Vieira. *Correio* n. 79. SP. Setembro de 2016.

um terror particular, muito espetacularizado dos assassinatos de massa, difundidos em vídeos tal como pelo DAESH. Essa mostraçãõ do horror é algo novo.

O ponto em comum que ele vê entre a experiência dos jovens radicais do DAESH e o narco-estado que faz tráfico de tudo, é um apelo à juventude que tem uma relação particular com a morte. Há algo nessa invencibilidade presente na juventude que é diferente do narcisismo. É preciso pensar, diz Laurent, que existe para os que são capturados nessas experiências, nessas formas de vida, “uma resposta de gozo à exclusão deles do mundo da harmonia, do bom senso, dos pequenos prazeres da existência e do fetichismo da mercadoria”.<sup>9</sup> Trocar o mundo do fetichismo da mercadoria pelo gozo da droga é da mesma ordem que o radicalismo dos que se juntam ao DAESH.

Luciola Macêdo nos traz a marca do “desenraizamento” como o que aproxima os jovens radicalizados dos jovens brasileiros moradores de vilas e favelas, cooptados pelo tráfico de drogas, disseminadores de uma rede de violência em troca de uma “super-identidade” que funciona no âmbito de determinada rede, célula ou facção criminosa.<sup>10</sup> Segundo ela, nessa resposta está implicada uma homogeneização promovida pela via do consumo. Diante da crise da cultura ou do desenraizamento, o que se apresenta é uma nova relação com a identidade já que a identificação com um ideal não sustenta um lugar para esses sujeitos.

Há nesses sintomas contemporâneos a apresentação de uma demanda de morte dirigida a si mesmo que Freud mostrou, a partir da melancolia, ser mais verdadeiro que a identificação ao pai todo amor. Há, diz Lacan, uma “demanda de morte”<sup>11</sup> que ele aponta a partir do caso de um sujeito deprimido e que é fruto da privação do objeto amado que a mãe parece ter sido para ele. O que está em jogo na depressão e que Lacan chama de “demanda de morte” é essa relação articulada na linguagem, no Outro a quem o sujeito dirige sua demanda, diz Eric Laurent.<sup>12</sup> Nessa demanda de morte se articulam o que é demanda e o que é extinção da demanda, um fim do endereçamento que suprime tanto o sujeito quanto o Outro. É o Outro, em sua vertente superegóica, que remete o sujeito a essa parte de si mesmo que ele rejeita, através de seu mandamento de amor ao próximo. Tal como diz Lacan, “O mandamento cristão revela então seu valor ao ser prolongado: ...*como tu mesmo*

---

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 40.

<sup>10</sup> Macêdo, L., Juventude e trauma: a experiência do desenraizamento. Disponível no site do XXI Encontro Brasileiro do Campo Freudiano: Adolescência: idade do desejo. Novembro 2016.

<sup>11</sup> Lacan, J., *O seminário, livro 5. As formações do inconsciente*. RJ: Jorge Zahar Editor. 1999, p. 516.

<sup>12</sup> Laurent, E., La vergüenza y el ódio de sí. *Freudiana* n. 39, p. 32.

*tu és [tu es]*, no nível da fala, aquele a quem odeias [*tu hais*], na demanda de morte porque a desconheces”.<sup>13</sup>

Lacan nos indica com essa formulação, que temos na filosofia e na religião, não apenas distintas maneiras de falar da oposição do bem e do mal, mas duas maneiras distintas de tratar o mal, que o discurso psicanalítico permite colocar às claras. Numa, segundo Laurent,<sup>14</sup> considera-se que o mal pode ser reduzido com o Deus da ciência. Na outra, o mal é tomado como algo tão irredutível quanto um Deus real.

Essa demanda de morte e um supereu que convida a gozar estão cada vez mais presentes em nosso mundo em que os ideais fracassaram e se apresentam com essa falsa máscara. Isso leva à fascinação de converter os outros em objetos de sacrifício oferecidos a um Deus obscuro. Tal como Lacan formulou, “o sacrifício significa que, no objeto de nossos desejos, tentamos encontrar o testemunho da presença do desejo desse Outro que chamo aqui *o Deus obscuro*”.<sup>15</sup> Clotilde Leguil,<sup>16</sup> a esse respeito, nos traz a formulação de que o ódio é sem razão, mas não é sem objeto, para indicar que se o ódio não tem causa, ele revela um ponto cego na relação com o Outro. O que está aqui em questão não é tanto a religião, mas um mandamento pulsional, um extremismo pulsional insensato.

Numa outra perspectiva, também contemporânea em sua visão da subjetividade, ao tomarmos o termo de garotos maus, na classificação do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o DSM, encontramos o termo distúrbio de conduta que abarca uma diversidade de comportamentos "direcionados para fora", que vão desde aqueles relativamente amenos, como gritar e reclamar, até agredir, roubar e furtar. Esses distúrbios são incluídos no comportamento antissocial e as crianças que o apresentam teriam um maior risco de se engajarem em comportamentos criminosos e seriam mais propensas a desordens internalizantes tais como depressão, fobia, etc.

Nessa abordagem, vários termos são utilizados para denominar esse conjunto de comportamentos tais como “opositores”, “antissociais” e distúrbios de conduta. Eles estariam incluídos nas classificações: transtorno desafiador opositivo (TDO) e no transtorno da conduta (TC) que ocorrem na infância e na adolescência e há a descrição do transtorno de personalidade anti-social (TPAS) que ocorre na idade adulta.

---

<sup>13</sup> Lacan, J., *op. cit.*, p. 521.

<sup>14</sup> Laurent, E., O Mal em Psicanálise. *Curinga* n. 25. Novembro 2007, p. 24.

<sup>15</sup> Lacan, J., *O seminário, livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. RJ: Jorge Zahar Editor. 1999, p. 259.

<sup>16</sup> Leguil, C., La haine est sans raison, mais elle n'est pas sans objet. *Lacan cotidiem* n. 554. 18/12/2015.

O padrão desse comportamento no transtorno antissocial é uma violação dos direitos dos outros ou de normas importantes para a sociedade segundo o que é esperado para a idade do sujeito. Encontramos grupos de comportamentos onde estão os comportamentos agressivos que vão causar ou ameaçar causar danos físicos a outras pessoas ou a animais, que causam perda ou dano da propriedade dos outros, fraudes ou roubos; violações graves das normas. Seriam necessários três dos comportamentos listados para se fazer o diagnóstico.<sup>17</sup>

Vemos, portanto, que desse ponto de vista poderíamos fazer os grupos diagnósticos dos garotos maus, já que esse sistema diagnóstico forclui o sujeito. Ele não nos permite encontrar o sujeito desses atos, muito menos localizar algo da inscrição deles na história familiar ou particular que nos permita ir além desse diagnóstico que se apresenta como uma nomeação.

Por outro lado, quando tomamos o segundo termo, crianças sozinhas, cabe-nos pensar o que seria essa solidão que podemos encontrar tantas vezes nas escolas, em situações de exclusão dos colegas, de exclusão do saber, de silêncio, de adesão compulsiva a tablets e celulares.

Encontramos no verbete “Solidão”<sup>18</sup> de autoria de Fabián Naparstek, uma abordagem da solidão a partir do parceiro, a partir de que não se pode pensar o sujeito sem o Outro. Ele toma cinco maneiras possíveis de pensarmos a solidão a partir da psicanálise.

Uma primeira seria tomar a solidão em sua vertente insuportável de rechaço do Outro. Nessa vertente a criança não se aloja no Outro e é deixada cair por ele. Um segundo aspecto é a solidão própria do ato, solidão que separa o sujeito do Outro, já que o ato é sem Outro e por isso deixa aquele que o faz na solidão. Em terceiro lugar ele aponta a solidão da loucura, situação em que o sujeito não precisa do Outro já que tem o objeto no bolso e por isso permanece numa insuportável posição de liberdade. Em quarto lugar, podemos pensar a solidão a partir das indicações do último ensino de Lacan não mais na parceria do sujeito e do Outro mas da parceria do falasser e do gozo. O gozo é essencialmente autístico e solitário e por isso mesmo traz os problemas e sintomas dos laços possíveis a partir da sexuação. E em último lugar há a solidão própria do sintoma, uma solidão da ruptura com

---

<sup>17</sup> Cf. El niño disocial. *Psiquiatria y Psicoanálisis 2: Perversos, psicopatas, antisociales, catacterópatas, canallas*. Buenos Aires: Grama. 2008.

<sup>18</sup> Naparstek, F., Solidão. *Scilicet: Um real para o século XXI*. BH: Ed Scriptum. 2014.

o saber. E essa solidão é o que se escreve,<sup>19</sup> por excelência, sem o Outro, no sintoma e na carta de amor.

Podemos, portanto, pensar que “crianças sozinhas”, são crianças cuja solidão é um índice de sua relação com o Outro e com o gozo. Quando o que vemos é apenas uma manifestação da violência ou da agressividade, estamos deixando de lado a questão da posição desse falasser e toda a causalidade que nos permitiria pensar essa resposta do sujeito.

Fazendo uma separação entre esses dois adjetivos, maus/sozinhas, podemos formular que o “mau” pode ser pensado como uma resposta sintomática à solidão, à falta de alojamento no Outro simbólico. E se a resposta da agressividade ou da violência parece se apresentar de maneira mais intensa em nossa contemporaneidade, ela deverá ser lida na singularidade da história de cada um para que se tenha a chance de dar a ela o estatuto de sintoma e não de uma resposta social.

Nesse sentido, tomamos como ponto de investigação as matanças nas escolas, cujo paradigma é o que ocorreu em Columbine e que foi repetido em vários outros lugares do mundo. Podemos tomar Columbine como nome de um real sem lei que se manifesta como o ato de jovens que atiram dentro de escolas. Nesse ato, o instante de matar precede o instante de se matar. A mãe de um dos dois jovens que foram agentes dessa matança escreveu um livro que foi tomado por nós como uma referência para a leitura desse real sob o enfoque de um assunto de família.

Esse livro, “O acerto de contas de uma mãe”<sup>20</sup> é um relato feito 16 anos depois do massacre e tomamos esse título em dois sentidos: o anseio por parte dessa mãe de fazer uma cifração desse real e sua procura por uma resposta diante de “coisas que eu não vi e que deveria ter visto”. Há uma busca desesperada pelas respostas que os especialistas poderiam lhe oferecer já que, para ela, seu filho sempre fora uma criança perfeita e não havia nessa família cheia de valores e preocupações com a boa educação, um lugar para a maldade.

Assim, ela interpreta o ato de seu filho como a consequência de um estado depressivo que o levou a buscar o suicídio: “para Dylan o desejo de se matar foi onde tudo começou”. “Seu desejo de morrer tem um papel intrínseco em sua participação no massacre”. Ela busca a versão biológica, querendo aprender sobre o cérebro dos suicidas. Assim, ela se

---

<sup>19</sup> Lacan, J., *O Seminário, livro 20 (novo projeto). Mais, ainda*, RJ: Zahar. 2008, p. 128.

<sup>20</sup> Klebold, S., *O acerto de contas de uma mãe - A vida após a tragédia de Columbine*. SP: Verus. 2016.



aproxima das correntes que visam o controle e a prevenção desses atos. Ela formula que o mental é invisível e que há “um objeto obscuro da raiva”.

Só no a posteriori Sue pode recolher índices das dificuldades de seu filho que se envolveu em roubos, encrencas, tinha uma relação já bastante confusa com o amigo que participa do massacre com ele, era silencioso, distante, e escrevia um diário que revelou situações inimagináveis para a mãe.

Nessa escolha pelo discurso da ciência onde a subjetividade, o inconsciente e a pulsão de morte são recusados, Sue não consegue suas respostas. Assistimos a uma recusa do mal, daquilo que da pulsão de morte não se inscreve, que permanece silencioso e não domesticado pelas palavras. Sue inventa o termo “doenças cerebrais” e “saúde cerebral” após sua conversa com vários neurocientistas. Ela preferiu esses aos termos doença e saúde mental. Ela diz: “Mental é algo invisível. É um conceito que vem com todo o medo, a cautela e o estigma das coisas que não entendemos. Mas sabemos que há manifestações que são reais, físicas, dentro do cérebro, que podem ser representadas por imagens, medidas, quantificadas e compreendidas. Precisamos transferir o conhecimento para o mundo visível da saúde cerebral e da doença cerebral, que é tangível”.

Se essa mãe escreve é na busca de encontrar uma causalidade para o ato de seu filho, recordando de inúmeras cenas, mas as vias que ela percorre a deixam distante desse algo de insondável que existe na decisão subjetiva de todo criminoso. Para a psicanálise nem sempre há uma causalidade, mas a mãe de Dylan quer inscrever todo o real no campo do saber: “eu era a mãe dele. Eu deveria saber”.

Assim, ela pode afirmar que “Dylan tinha uma predisposição para a violência” e que ela continuava “a chorar por Dylan e a me odiar pelo que ele fez”, buscando “centenas de fantasias sobre maneiras de reparar o que ele fizera”. E ela busca na ciência a “rota da violência”, igual para todos. E conclui que quanto ao ato de seu filho, que ela verificou ter sido bastante planejado, ela deveria fazer a pergunta de “como” e não de “por que”.

Duas de suas formulações nos interessaram particularmente. São índices de sua posição inconsciente à qual o discurso higienista da ciência não deu instrumentos para uma leitura. Uma é a sua descrição do nascimento do filho e de sua dificuldade de a-colhe-lo:

[...] enquanto eu o segurava, tive uma sensação profunda e incômoda de mau presságio, forte o bastante para me fazer sentir arrepios. Foi como se uma ave de rapina tivesse sobrevoado o lugar, jogando-nos à sombra. Olhando para aquele

pacotinho perfeito em meus braços, fui tomada por uma forte premonição: aquela criança me traria um sofrimento terrível.

A outra é o relato de um sonho que teve logo após a tragédia.

Era noite... e eu estava procurando meu carro em um estacionamento enquanto segurava Dylan, com mais ou menos dois anos de idade, nos braços. Eu tentava enrolar um cobertor ao redor dele para mantê-lo aquecido, conforme andava para cima e para baixo entre as fileiras procurando o carro, com um desespero cada vez maior e sacolas de compras grandes e pesadas, cheias de jornais, penduradas nos braços. Elas me atrapalhavam tanto para carregar Dylan que me preocupei que pudesse derrubá-lo no chão. Quando ele começou a escorregar de meus braços, minha mãe deu um passo à frente e disse: “me dê as sacolas. Cuide se seu filho”. Uma a uma, ela esgou as alças pesadas que cortavam meus pulsos e meus braços, me permitindo segurar Dylan com força e enrolar o cobertor bem apertado ao redor dele. Encontrei nosso carro e o coloquei em segurança na cadeirinha, enquanto minha mãe ficava ao lado, segurando as sacolas que tirara de mim.

Um sonho sem análise e que nos faz pensar nessa criança na iminência de cair de seu Outro, sob o olhar de uma outra mãe. E que não pode fazer um outro destino desse abandono.